

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

EVERTON DOS SANTOS

**AS RECRIAÇÕES DA NATUREZA NA HISTÓRIA DA PINTURA
SERGIPANA (1882-1994)**

SÃO CRISTÓVÃO

2021

EVERTON DOS SANTOS

**AS RECRIAÇÕES DA NATUREZA NA HISTÓRIA DA PINTURA
SERGIPANA (1882-1994)**

Artigo apresentado como avaliação da
atividade de Prática de pesquisa em História,
para obtenção do título de licenciado em
História, orientado pelo professor Dr. Luis
Eduardo Pina Lima.

SÃO CRISTÓVÃO

2021

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO	5
1. EM BUSCA DA RECRIAÇÃO DA NATUREZA NA HISTÓRIA DA ARTE SERGIPANA.....	7
2. PARADOXOS ENTRE A BELEZA ARTÍSTICA NATURAL E A ARTE COMO RECRIAÇÃO DA NATUREZA	8
3. AS RECRIAÇÕES DA NATUREZA NA HISTÓRIA DA PINTURA SERGIPANA .	12
3.1. Peri e Ceci (1882), de Horácio Hora.....	12
3.2. Coqueiros de Sergipe (s/ data), de Jordão de Oliveira	15
3.3. Barra dos Coqueiros com Sol Nascente (1968), de Jenner Augusto	16
3.4. Bananeira (1994), de J. Inácio	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

RESUMO

O presente trabalho encontra-se no campo da História da Arte e tem por objetivo analisar de que forma a natureza influenciou nas recriações dos pintores sergipanos. Os artistas escolhidos para esta análise foram: Horácio Hora (1853-1890), Jordão de Oliveira (1900-1980), Jenner Augusto (1924-2003) e José Inácio Alves de Oliveira (1911-2007). Justifica-se tal escolha devido à relevância destes no cenário artístico regional; à abrangência de um recorte temporal extenso, que vai de meados do século XIX ao início do século XXI e à possibilidade representativa de diversas escolas artísticas. Os referenciais teóricos do trabalho são: Francastel (2011), Gualis (1996) e Suassuna (2013). Destaca-se, ainda, a contribuição sobre a História da Arte Sergipana de Britto (2013). A relevância do trabalho se dá pelo fato desse estudo gerar reflexões acerca da importância da preservação ambiental, tema amplamente discutido nos dias atuais. Além disso, poucas são as produções acadêmicas que tratam sobre a História da Arte sergipana, bem como de estudos que analisam as representações da natureza na pintura; nesse sentido, esta pesquisa apresenta caráter pioneiro. Conclui-se que a natureza recriada nas pinturas dos referidos artistas compõe-se a partir das experiências subjetivas de cada um deles com diferentes meio ambientes naturais.

Palavras-chave: História da arte sergipana; Arte e natureza; iconografia e história.

ABSTRACT

The present work is found in the field of Art History and aims to analyze how nature influenced the recreations of Sergipe painters. The artists chosen for this analysis were: Horacio Hora (1853-1890), Jordão de Oliveira (1900-1980), Jenner Augusto (1924-2003) and José Inácio Alves de Oliveira (1911-2007). This choice is justified due to their relevance in the regional artistic scene; the scope of an extensive time frame, ranging from the mid-19th century to the beginning of the 21st century and the representative possibility of several artistic schools. The theoretical references of the work are: Francastel (2011), Gualis (1996) and Suassuna (2013). The relevance of the work is given by the fact that this study generates reflections about the importance of environmental preservation, a topic widely discussed today. In addition, few academic productions deal with the History of Sergipe Art, as well as studies that analyze the representations of nature in painting; in this sense, this research presents a pioneering character. It is concluded that the nature recreated in the paintings of these artists is composed from the subjective experiences of each of them with different natural environments.

Keywords: History of Sergipe art; Art and nature; iconography and history.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho encontra-se vinculado ao campo da História da Arte em Sergipe e estuda a relação entre o ser humano e a natureza através de suas produções artístico-culturais, analisando de que maneira esse contato com o meio ambiente influencia o modo como os pintores sergipanos ressignificam a arte. Sua relevância se deve ao fato desse estudo gerar reflexões acerca da importância da preservação ambiental, tema amplamente discutido nos dias atuais. Além disso, poucas são as produções acadêmicas que tratam sobre a História da Arte sergipana, e no que se refere aos estudos que buscam analisar as representações da natureza na pintura, esta pesquisa apresenta caráter pioneiro.

De acordo com a tendência da historiografia atual, que amplia a concepção do que se pode considerar como fonte, passando a utilizar um variado leque de recursos na pesquisa histórica: como a literatura, a música e todo tipo de produção artístico-cultural que apresente recriações sobre o passado. É nesse contexto que o presente trabalho admite como fonte primária as obras de arte, especificamente pinturas, produzidas por artistas sergipanos.

Como forma de delimitar e descrever a concepção de pintura aqui utilizada, cabe destacar a definição, baseada no livro *Teoria del Arte I: Las obras de arte* (1996), de Gonzalo M. Borrás Gualis (1940-). O texto descreve a arte pictórica como sendo essencialmente bidimensional, atuando na superfície plana, na qual se pinta, nas dimensões de altura e largura. Apesar disso, através de técnicas avançadas de ilusão de ótica, a obra pode representar a terceira dimensão, a da profundidade, dando uma aparência volumétrica a pintura.

O autor também caracteriza dois níveis de análise da arte pictórica. O primeiro é o da materialidade física da obra, em que se observa o suporte no qual o artista pinta, os materiais utilizados na pigmentação e em qual produto ele é dissolvido, as técnicas de pintura usadas durante o processo, as informações contidas na imagem representada e seus possíveis significados. No segundo nível, devemos observar as formas elementares da obra, na qual se sobressaem a linha, com seu poder de delimitar os objetos, cercando e fixando sua aparência; e a cor, que é o principal aspecto da arte pictórica, sendo muito mais complexo que a linha e responsável pelas sensações que desperta no observador. Além disso, é o principal artifício utilizado para dar sentido de profundidade a obra, a partir do emprego das cores denominadas quentes (amarelo, laranja e vermelho), no que se deseja colocar no primeiro plano, e as cores frias (roxo, azul e verde), para os planos secundários.

No que se referem aos artistas selecionados, quatro foram os critérios adotados, para a seleção dos mesmos: ter nascido em Sergipe; haver produzido obras pictóricas; serem representantes de diferentes períodos históricos; e pintar em diferentes estilos.

A partir disso, foram selecionados para o trabalho, os seguintes artistas: Horácio Hora (1853-1890), Jordão de Oliveira (1900-1980), Jenner Augusto (1924-2003) e José Inácio Alves de Oliveira (1911-2007). Segue abaixo algumas informações sobre tais artistas.

Horácio Hora nasceu no dia 17 de setembro de 1853, na cidade de Laranjeiras-SE. Em 1875 o artista ganhou uma bolsa de estudos do Império para desenvolver suas habilidades na Europa, estudou por 6 anos na Escola de Belas Artes de Paris e na Escola Municipal de Desenho de Paris, na França. Lá esteve em contato com diversos artistas conceituados e tornou-se adepto do movimento conhecido como romantismo, que, no campo artístico, opõe-se as normas da arte clássica e promove uma subjetivação do mundo exterior, com a idealização da realidade. Dentre a sua vasta produção, destacam-se: A Virgem (1878), Peri e Ceci (1882), Miséria e Caridade (1884) e Outono (1886).

O segundo artista é Jordão de Oliveira, que nasceu em Aracaju, no dia 13 de outubro de 1900. Aos 21 anos se mudou para o Rio de Janeiro, onde viveu durante o restante da sua vida. Lá ingressou na Escola Nacional de Belas Artes e anos depois se tornou professor da instituição. Recebeu influência de diversos movimentos artísticos, mas o que esteve mais próximo foi o impressionismo, o qual possui como características: certa preferência a pintura de paisagens, com representação de imagens recriando as cores refletidas a partir do contato com o sol, o desenho sem a preocupação de definir bem seus contornos, entre outras coisas. Exímio retratista e paisagista, diversas obras de Jordão encontram-se expostas em Sergipe, com ênfase para as telas sobre a economia sergipana, que se encontram no hall de entrada do Palácio Museu Olímpio Campos.

O aracajuano Jenner Augusto (1924-2003) destacou-se como pintor, desenhista, cartazista e ilustrador. Foi um dos artistas mais reconhecidos da História da Arte sergipana. Era adepto do modernismo, escola artística que possuía como características o uso do senso de humor e da crítica social, além de buscar fugir dos padrões artísticos estabelecidos, buscando originalidade e liberdade nas formas desenhadas. Suas obras costumam representar paisagens naturais do estado de Sergipe, com traços marcantes e grande singularidade.

O quarto e último artista a ser incluído no trabalho é o pintor, poeta e caricaturista José Inácio Alves de Oliveira (1911-2007), mais conhecido como J. Inácio, que era como ele assinava as pinturas. Suas obras tinham traços expressionistas, mas não era seguidor de nenhum movimento artístico. Costumava pintar a natureza, em especial as bananeiras, marca registrada de sua iconografia.

O conceito chave desta pesquisa é o de realidade figurativa, apresentado por Pierre Francastel (1900-1970), através do qual descreve como a obra de arte não é uma representação, mas uma produção nova, demonstrando algo que une a percepção do artista, construída a partir de significações sociais, ao real, ou ao imaginário, daquilo que se busca recriar.

Diante do exposto, lança-se a seguinte questão de pesquisa: Como a natureza, compreendida como realidade figurativa, foi recriada na História da pintura sergipana, através dos quadros de Horácio Hora (1853-1890), Jordão de Oliveira (1900-1980), Jenner Augusto (1924-2003) e José Inácio Alves de Oliveira (1911-2007)?

1. EM BUSCA DA RECRIAÇÃO DA NATUREZA NA HISTÓRIA DA ARTE SERGIPE

O objetivo deste trabalho é analisar as recriações relativas à natureza, nas pinturas dos artistas sergipanos Horácio Hora (1853-1890), Jordão de Oliveira (1900-1980), Jenner Augusto (1924-2003) e José Inácio Alves de Oliveira (1911-2007). Para tanto, observou-se a seguinte metodologia.

O primeiro passo corresponde ao levantamento e à leitura dos referenciais teóricos do trabalho, destacando os aspectos relativos à definição e às formas de análise da pintura, os textos escolhidos foram: os capítulos 6 e 7 do livro *Teoria del Arte I: Las obras de arte* (1996), do autor Gonzalo M. Borrás Gualis. O conceito-chave desta pesquisa foi retirado do livro *A Realidade Figurativa* (2011), do Pierre Francastel. Como forma de discutir brevemente acerca da relação entre arte e natureza, foi realizada a leitura do capítulo 20 e 21, respectivamente intitulados de *A Beleza Artística* e *a da Natureza e A Arte e a Natureza*, ambos compondo o livro *Iniciação à estética* (2012), do Ariano Suassuna (1927-2014).

A segunda etapa consiste em realizar uma análise da biografia e obras de artistas

sergipanos, com objetivo de definir os pintores analisados nesse trabalho. Para tanto, realiza-se a leitura de obras catalográficas referentes a artistas sergipanos, como Um sentir sobre as artes visuais em Sergipe (2013) e Cacique Chá – Jenner Augusto: Marcos do Modernismo (2015), ambos organizados por Mario Britto (1963-) e o Álbum Horácio Hora (2004), produzido pela Secretaria do Estado da Cultura.

A etapa seguinte corresponde à pesquisa sobre obras, momento em que foram definidas as pinturas analisadas neste trabalho, quais sejam: Peri e Ceci (1882), de Horácio Hora; Coqueiros de Sergipe (s/ data), de Jordão de Oliveira; Barra dos Coqueiros em Sol Nascente (1974), de Jenner Augusto; e Bananeira (1994), de J. Inácio.

A quarta etapa do trabalho foi a análise das obras escolhidas, levando em consideração os principais aspectos representados, assim como os dois níveis de observação de pinturas, conforme descrito anteriormente; além da relação entre arte e natureza e o entendimento de que forma a natureza influenciou nas obras dos autores selecionados. Por fim, realiza-se a elaboração do relatório da pesquisa.

2. PARADOXOS ENTRE BELEZA ARTÍSTICA NATURAL E A ARTE COM RECRIAÇÃO DA NATUREZA

Do ponto de vista estético, a beleza das obras de arte e da natureza são relevantes e passíveis de uma longa análise acerca das características individuais e da relação existente entre ambas. Nesse sentido, cabe aqui uma breve discussão sobre a visão de alguns filósofos ligados à estética, a respeito das distinções entre arte e natureza.

Primeiro é preciso diferenciar a beleza natural da beleza artística. Ambas são capazes de gerar emoções, com a diferença de que no primeiro caso, a natureza não possui a densidade, o rigor, a precisão e a finalidade de promover o prazer estético. A sensação interna ao contemplar a natureza é muito mais complexa do que no caso das obras de arte, envolvendo muitos outros fatores além de sua apreciação aparente. A arte surge então como um meio de atender as expectativas humanas acerca da contemplação do belo, com o diferencial de que na produção artística é excluído tudo de trivial e aparentemente sem função estética, aspectos que fazem parte da essência da beleza natural. Nesse sentido, a arte já se distingue pelo fato de que, quem a contempla já tem a ideia de se encontrar diante de um objeto, cuja intencionalidade principal é despertar sensações prazerosas, com o adicional de que se trata de uma mensagem

produzida por outro ser humano.

O filósofo Platão (427 a.C.-348 a.C.), dedicou trechos de sua extensa obra a discussão acerca da superioridade entre a beleza natural ou artística, chegando à conclusão de que o belo natural era essencialmente mais valioso. Isso porque, para ele, “a Beleza dos objetos do mundo sensível era um reflexo da Beleza absoluta, reflexo que seria tanto mais claro quanto maior fosse a aproximação que o objeto revelasse em relação a seu arquétipo”. (SUASSUNA, 2012, p. 110) Portanto, a obra de arte é mais distante do mundo das ideias, já que é uma representação da natureza, que por sua vez, apenas reproduz o objeto ideal.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) não fazia uma distinção clara ao abordar a beleza natural e a artística, dando igual importância para ambas. Immanuel Kant (1724-1804), para tratar sobre beleza, estabelecia a seguinte distinção: o sublime, que se refere o sentimento humano de terror ao se deparar com a grandiosidade da natureza selvagem, então, por consequência, abrange a contemplação da arte natural, enquanto que o belo se refere às obras de arte e à natureza, quando manipulada em função do embelezamento de determinados locais.

O alemão Hegel (1770-1831) mesmo tendo boa parte do seu pensamento sob a influência de Platão, possui uma visão distinta do filósofo grego, atribuindo à beleza artística uma superioridade com relação a outra. Isso porque, para ele, a beleza natural é uma criação imperfeita, enquanto que nas obras de arte se encontra a manifestação mais sensível e mais próxima ao mundo das ideias. O filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) traz uma visão parecida, em que a arte também precede a natureza em beleza, já que as produções artísticas têm o intuito de promover o prazer estético, enquanto que na natureza isso ocorre eventualmente. Bergson chega a questionar-se sobre se o verdadeiro motivo para que a natureza fosse bela seria pelo fato de que nela se apresentam algumas características também presentes na arte. Há ainda quem tenha uma opinião mais radical, como o Benedetto Croce (1866-1952), que afirma não haver beleza estética na natureza.

Susanne Langer (1895-1985), uma filósofa norte-americana, reiterava que aquilo que consideramos como beleza natural, é algo já visto pelos artistas, isso porque a nossa ideia do belo, encontrado na natureza, tem total relação com as obras artísticas que já tivemos contato.

Autores como o Mikel Dufrenne (1910-1995) e Nicolai Hartmann (1882-1950) discordam com veemência dos escritos que tendem a colocar a beleza natural em segundo

plano, reconhecendo o papel da arte no desenvolvimento da sensibilidade humana perante o meio ambiente, porém, afirmam não ser imprescindível esse contato para que se possa contemplar e sentir prazer estético diante da natureza.

No que se refere a relação entre beleza natural e beleza artística, uma afirmação bastante difundida sobre o assunto, principalmente entre os filósofos clássicos, é a de que a arte imita a natureza. Tal ideia traz consigo diversas contradições e questionamentos pertinentes, e por isso também merece uma atenção especial.

Sócrates (470a.C.-399a.C.), refere-se as pinturas e esculturas como cópias de seres da natureza. Apesar disso, ele é contraditório ao defender que os artistas “não copiem servilmente seus modelos, mas sim que tomem de cada um aquilo que ele tem de mais belo, compondo desse modo um simulacro superior à realidade” (NÉDONCELLE *apud in* SUASSUNA, 2012, p. 114)

Sobre o assunto, Platão reitera que os artistas devem se servir de um modelo natural, e a partir dele criar uma obra que o represente e, ao mesmo tempo, encontre-se próxima de sua forma ideal. Nesse ponto, evidenciam-se algumas contradições, como, por exemplo, de que maneira o artista conseguirá retratar uma imagem análoga ao mundo ideal, no caso de se tratar de um modelo específico que não apresente beleza estética? Nesse sentido, Platão afirma que um bom artista deve saber retratar, em sua obra, a representação de um objeto, aproximando-se, o máximo possível, da sua aparência ideal, mesmo que não haja nenhum modelo real que se assemelhe a sua criação.

Outra contradição está ligada ao fato de que, no decorrer da história, vários artistas produziram diversas obras de arte utilizando objetos como referência, além de pessoas e paisagens, que não necessariamente estão próximas aos padrões de beleza da sociedade da época, e nem por isso deixaram de gerar prazer estético naqueles que as contemplam. Sobre isso, Platão não escreveu nenhuma justificativa. Em resumo, apesar de frágil, a teoria do filósofo clássico em questão estabelece que a beleza natural é reflexo da beleza absoluta, e cabe ao artista ter a sensibilidade suficiente para enxergar e representar a idealização daqueles objetos, produzindo obras que simulem o mundo das ideias, e sejam superiores aos modelos reais.

Já Aristóteles, ao observar o tema, primeiro apresenta a imitação como uma habilidade

inerente ao ser humano, sendo, inclusive, responsável por nosso desenvolvimento pessoal, como uma das características que nos diferencia dos outros animais. Além disso, para o filósofo, a apreciação artística tem relação direta com o objeto que o observador reconhece na obra, visto que serviu como modelo a ser imitado. Segundo Suassuna (2012, p. 116), a teoria aristotélica da imitação não explica nem a produção artística nem o deleite do espectador. Isso porque, existem obras abstratas, como no caso da música e da pintura que, mesmo não obedecendo a uma lógica exterior, permitem aos contempladores lograr prazer estético.

O francês Charles Lalo (1877-1953), autor da obra *Notions d'Esthétique* (1925), critica a teoria da imitação, referindo-se ao fato de que existem gêneros das produções artísticas artificiais em que a natureza contribui na sua composição, mas não com as suas combinações, como a música, a arquitetura e a literatura. Além disso, existem as artes figurativas que possuem uma característica importante, qual seja: o afastamento da beleza natural, como no caso da arte decorativa e dos retratos. Nessas formas de arte, por exemplo, mesmo seguindo os padrões de beleza de uma dada sociedade, não se garante que a obra reproduzida terá elevado valor estético, assim como, por diversas vezes, grandes obras da história foram elaboradas tendo como inspiração modelos considerados feios.

Jacques Maritain (1882-1973), apesar de criticar a teoria em questão, busca ressignificar o termo imitação, atribuindo-o as artes as obras que não utilizam como base o objeto para copiá-lo ou retratá-lo sob a sua forma ideal, mas sim exprimir uma representação bela da natureza, utilizando-se dele como inspiração. Edgar De Bruyne (1898-1959) acrescenta à discussão a ideia de que se a beleza estética das obras de arte encontra-se, conforme afirmou Aristóteles, na imitação da natureza, esta seria superficial, e, por consequência, conhecer o modelo utilizado seria essencial para a sua apreciação.

Apesar de ser um tema bastante discutido no ramo da filosofia, podemos concluir que a teoria da imitação não é capaz de explicar a essência das produções artísticas, nem a sua relação com a natureza e o modelo que fora utilizado. O próprio Suassuna descarta o uso do termo imitação, apontando para os conceitos de recriação ou transfiguração, pois “a arte não imita a natureza, ela a recria e transfigura” (SUASSUNA, 2012, p. 116).

Desse modo, mesmo nos casos em que o artista deliberadamente pretende retratar de maneira fiel alguma paisagem, ele não a copia, mas a recria. O artista, sendo um ser humano dotado de grande sensibilidade, traz consigo todas as suas vivências pessoais que moldam seu

mundo interior e, ao produzir arte, o que for recriado não será apenas um modelo natural, mas também abrigará aspectos interiores do autor. Portanto, mesmo que dois artistas pintem uma mesma paisagem, a retratarão de maneira distinta, pois a carga de subjetividade expressa na tela faz com que cada obra seja única e fiel, tanto ao modelo quanto ao “eu interior” do criador da obra.

A reflexão de Suassuna acerca da obra artística ser uma recriação do objeto natural, e não sua imitação, tem total relação com a teoria da realidade figurativa descrita por Pierre de Francastel, com a distinção que este último tem a sua análise voltada para o âmbito da sociologia da arte, visando uma compreensão mais abrangente, indo além do interior do artista, e pairando sobre a relação da obra com as mentalidades da sociedade na qual ela fora produzida. Há, nesse ponto, uma importante relação, pois o artista, inserido no seu meio, será por ele influenciado, o que fará de sua produção uma síntese de como seu grupo social enxerga o mundo que o cerca, ou, ao menos, o evento ou modelo que se busca retratar. Por outro lado, a obra também servirá como uma forma de promoção de mudanças sociais. Nesse sentido, a arte vai mesclar

[...] elementos de realidade escolhidos no percebido imediato com elementos tirados das tradições imaginárias do indivíduo ou da sociedade, o artista utiliza as técnicas para informar uma matéria. Ele cria assim objetos para permitir à sociedade tomar consciência dela mesmo e comunicar a outras suas hipóteses. [...] A arte nos informa, em suma, mais sobre os modos de pensamento de um grupo social que sobre os acontecimentos e sobre o quadro material da vida de um artista e seu ambiente. A obra está no imaginário (FRANCASTEL, 2011, p. 16 e 17)

Portanto, nota-se que a análise das influências de uma obra de arte é uma tarefa complexa, composta por vários níveis de observação, que vão desde o objeto utilizado como modelo, isso quando o há, passando pela subjetividade do artista, que a partir de suas vivências próprias trarão um toque única a sua recriação, e por fim, o modo como o grupo social no qual o artista está inserido, vai inspirá-lo em seu trabalho.

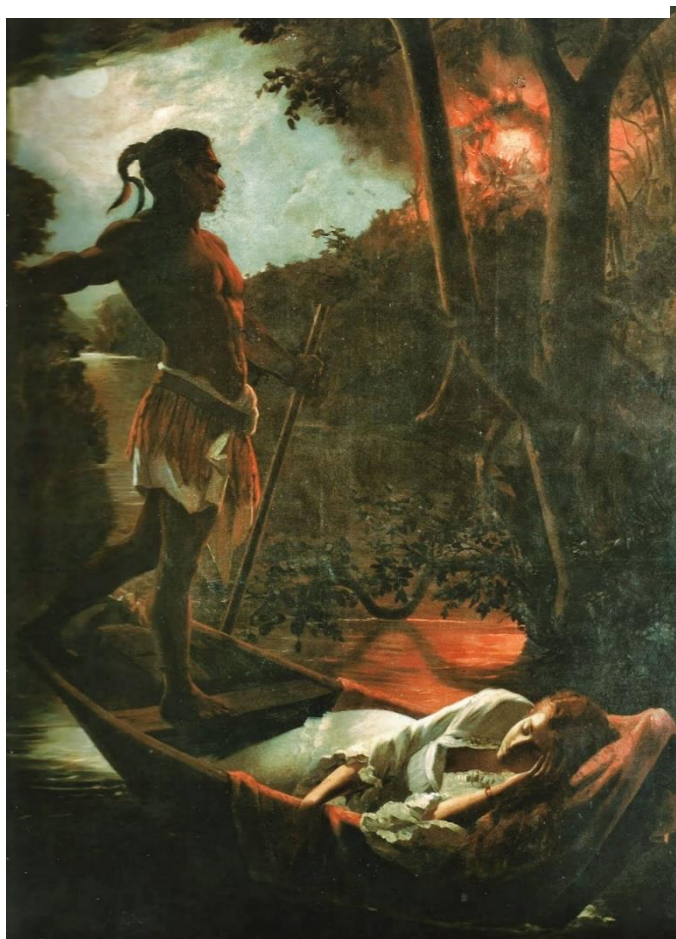
3. AS RECRIAÇÕES DA NATUREZA NA HISTÓRIA DA ARTE SERGIPANA

Partindo do pressuposto vinculado à teoria da realidade figurativa, defendida por Pierre de Francastel (2011), analisa-se a forma pela qual o meio natural foi recriado em determinadas obras selecionadas dentre da produção dos referidos artistas sergipanos.

3.1 Peri e Ceci (1882), de Horácio Hora

A primeira pintura a ser analisada é Peri e Ceci (1882), considerada a obra prima do artista sergipano Horácio Hora e, para muitos, a principal tela do movimento artístico romântico no Brasil. A arte é baseada em um clássico da literatura brasileira, O Guarani (1857), de autoria do escritor cearense José de Alencar (1829-1877). O romance conta uma história de amor entre o índio da tribo dos Goitacazes, Peri, e Cecília de Mariz, filha de um importante fidalgo português. A tela retrata o momento da trama em que os seus protagonistas estão fugindo, devido a um ataque à casa de Antônio, pai de Ceci. Este, ao perceber que não seria possível resistir ao ataque da tribo dos Aimoré, pede pra que Peri se converta ao cristianismo e fuja com sua filha em busca de proteção. O índio então parte enquanto vê ao longe o incêndio causado pela explosão de barris de pólvora, numa armadilha feita por Antônio para matar os índios, no momento em que invadissem a sua casa.

Figura 1 - Peri e Ceci (1882), de Horácio Hora



Fonte: Disponível em: facebook.com/2082429452087261/posts/2837240/
Acesso em: 14 de dezembro de 2021

A obra encontra-se exposta, junto a outros trabalhos do autor, no Museu Histórico de Sergipe, na cidade de São Cristóvão. A técnica empregada foi a de óleo sobre tela. Um dos fatores que chama a atenção sobre a pintura é a sua grande dimensão, com 2,25 metros de altura por 1,67 de largura, sendo rodeada por pesadas molduras de madeira.

Horácio Hora nasceu em setembro de 1853, natural da cidade de Laranjeiras, em Sergipe. De origem humilde, desde cedo demonstrou interesse pelo ramo das artes, pintando imagens que ganharam destaque no cenário local, fato que o capacitou a ganhar uma bolsa de estudos para estudar desenho dentro ou fora do país. A sua escolha foi Paris, onde permaneceu entre 1875 e 1881, aprendendo as técnicas de pintura no centro mundial das artes daquele período. Ao retornar à sua cidade natal, em 1881, elaborou importantes trabalhos que demonstraram o seu contato próximo com a natureza local, como a representação dos pontos turísticos Gruta da Matriana (s/ data) e a Cascata d'Ouro (s/data), também é nesse período que ele produz a sua obra-prima, a Peri e Ceci. Em 1884, ele retorna a Paris, com o objetivo de se estabelecer como um mestre de pintura, lá ele residirá até a data de sua morte, em 1890.

Como afirma Nunes, *in*. Conceição e Rocha (2004), a cidade de Laranjeiras foi fundamental no processo de formação artística de Horácio Hora, lá ele viveu durante a infância, juventude e parte da vida adulta. Consequentemente, algumas características locais encontram-se presentes na sua produção. O município é repleto de construções históricas e, por isso, seu conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico foi tombado pelo IPHAN, em 1995. Do ponto de vista da natureza, a cidade possui imensos canaviais, que são também uma das marcas do seu passado colonial. Além disso, é banhada pelos rios Cotinguiba, Sergipe e Poxim.

Os ecossistemas existentes na região são: o mangue; o cerrado; mas o que predomina na região é a Floresta Estacional Semidecidual, que é um tipo de vegetação pertencente ao bioma da Mata Atlântica. Em suas características principais estão: uma quantidade significativa de árvores de grande e médio porte, plantas menores que formam uma floresta densa e fechada e a variação entre duas estações bem demarcadas, sendo uma seca e outra chuvosa. O relevo da região contém principalmente colinas, cristas e interflúvios tabulares.

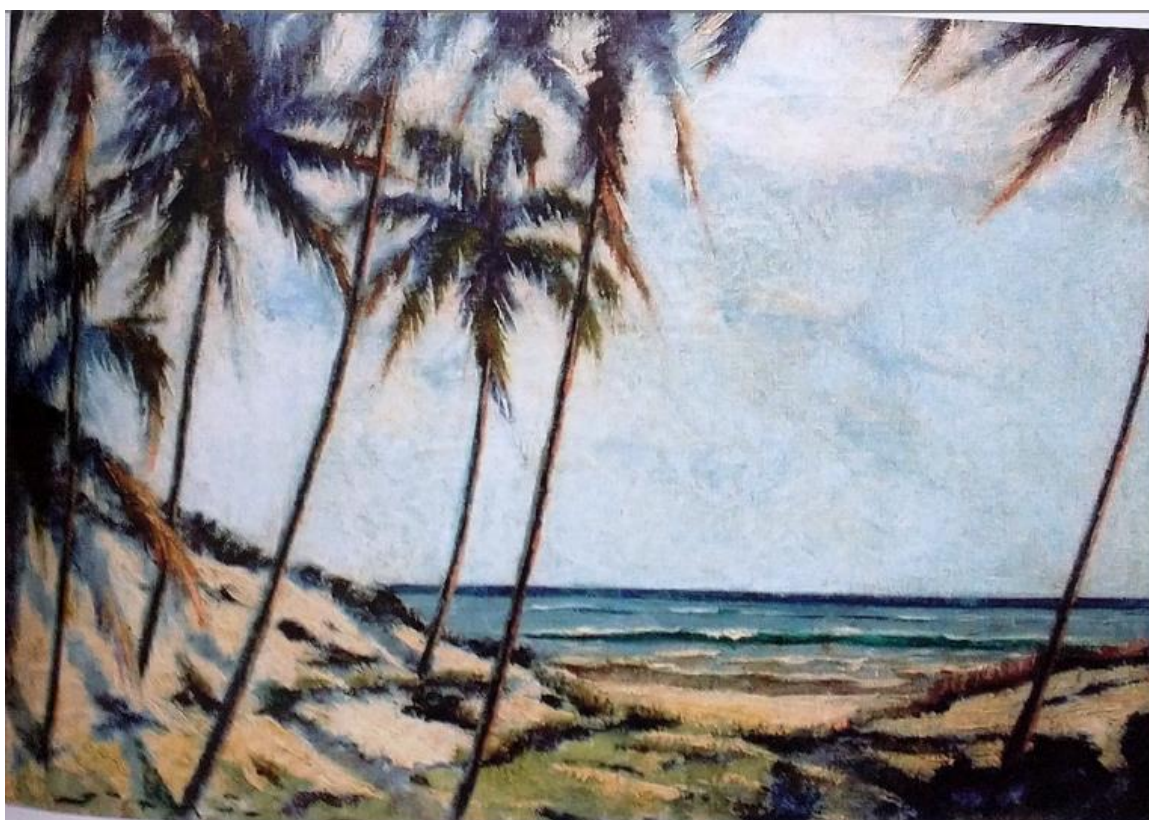
A pintura promove, então, além de uma adaptação da arte literária, uma recriação do bioma natural da sua cidade natal, o que pode ser observado em algumas características presentes no segundo plano da obra, como a vegetação repleta de árvores de diversos tamanhos, com uma densidade considerável. Além da presença de uma região de relevo elevado logo atrás

do personagem Peri. Configura-se então uma recriação da natureza, a partir da influência do cenário local em tal produção pictórica.

3.2 Coqueiros de Sergipe (s/ data), de Jordão de Oliveira

Jordão Eduardo de Oliveira Nunes, mais conhecido como Jordão de Oliveira, é o autor da segunda obra a ser analisada. Nasceu em 13 de outubro de 1900, na cidade de Aracaju. Ainda criança, seus pais falecem, sendo criado então por sua tia Emília. Durante sua juventude, como conta em sua autobiografia intitulada de Caminhos Perdidos (1975), lhe foi concebido muita liberdade, passando as tardes em contato direto com a natureza, vagando entre as cidades vizinhas, Barra dos Coqueiros e Atalaia Nova, mantendo um contato muito próximo com o meio ambiente natural. Esse período lhe rendeu inúmeras boas lembranças e o desenvolvimento de uma sensibilidade apurado no que se refere ao contato com a natureza, que se constituiu em um dos mais importantes diferenciais de suas produções artísticas posteriores.

Figura 2 - Coqueiros de Sergipe (s/data), de Jordão de Oliveira.



Fonte: RIBEIRO (2006)

Durante toda a sua trajetória como artista, que em sua maior parte esteve ligada à Academia Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Jordão produziu uma extensa obra, abrangendo diversas pinturas de paisagem e retrato, além da publicação de três livros. A obra escolhida para análise nesse artigo é a pintura feita na técnica de óleo sobre tela, intitulada de Coqueiros de Sergipe. A tela possui as dimensões de 38cm de altura por 55cm de largura, e não há uma definição acerca da data na qual foi produzida. Atualmente ela se encontra no acervo pessoal do Dr. Wagner Ribeiro.

Na imagem podemos ver a recriação de alguns aspectos marcantes das paisagens sergipanas. Como a praia, do estado cuja extensão litorânea ultrapassa os 170 quilômetros; e os coqueiros, espécie de árvore abundante em Sergipe, que pode ser encontrada em abundância nas cidades litorâneas de Aracaju, Barra dos Coqueiros e Atalaia Nova, regiões nas quais, como já dito, o artista costumava passear quando criança. Com certeza, a combinação dessa paisagem (praia e coqueiros) era algo com que o artista tinha contato frequente e, a sua contemplação, já na fase adulta, certamente lhe fazia rememorar momentos da infância. Não é à toa que esses mesmos atributos são recriados em outras obras deste pintor.

3.3 Barra dos Coqueiros com Sol Nascente (1968), de Jenner Augusto

A terceira obra a ser analisada é de autoria do aracajuano Jenner Augusto da Silveira, nascido no dia 11 de novembro de 1924. De origem humilde, perde o pai muito jovem, sendo criado por sua mãe, Maria Catariana, uma professora da escola primária. Em busca de trabalho e melhores condições de vida, sua família transita por diferentes municípios de Sergipe. Durante a sua formação, recebe influência de diversos artistas, pertencentes a várias escolas, produzindo pinturas com características impressionistas, expressionistas e cubistas. Porém, após um longo processo de amadurecimento artístico, aproxima-se do modernismo. Em sua fase adulta, passa a viver períodos de tempo entre Aracaju e Salvador, fazendo com que, em ambos os lugares, encontremos importantes obras de sua autoria.

A pintura escolhida intitula-se Barra dos Coqueiros com Sol Nascente (1968), produzida em óleo sobre tela. Suas dimensões são 38 cm de altura, por 41 cm de largura, e encontra-se atualmente na coleção pessoal de Pedro Learde.

Figura 3 - Barra dos Coqueiros com Sol Nascente (1968), de Jenner Augusto.



Fonte: MELO (2009)

A obra, de forma abstrata, recria uma paisagem marcante e intrínseca ao centro de Aracaju. Nela, ao se olhar em direção ao rio Sergipe, é possível ver posto a linha do horizonte formada entre a Barra dos Coqueiros e o leito do estuário do rio Sergipe. Inclusive, tal vista esteve tão presente na vida de Jenner, influenciando-o de tal maneira, que a própria horizontalidade se tornou um traço característico nas suas produções artísticas.

3.4 Bananeira (1994), de J. Inácio

O autor da quarta e última obra a ser analisada é o José Inácio Alves de Oliveira, cujo pseudônimo que utilizava era o J. Inácio. Nascido no interior de Sergipe, em junho de 1911, no município de Arauá. Autodidata, apesar de possuir traços do expressionismo, não se encontrava adepto a nenhuma escola de pintura. Um dos artistas de maiores destaques regionais, iniciou sua carreira como pintor aos 19 anos e, a partir daí, produziu uma extensa quantidade de obras, nas quais obteve forte inspiração do meio em que viveu, com ênfase para “[...] as garças, as jaqueiras, as casas de farinha, os pântanos, as paisagens urbanas e rurais de diversos municípios sergipanos, retratos de amigos e personalidades. Suas bananeiras, objeto de desejo de todos, são o símbolo maior de sua iconografia.” (BRITTO, 2013, p. 160)

A obra escolhida intitula-se Bananeiras, produzida em 1994, na técnica de óleo sobre tela. Suas dimensões são de 40 cm de altura por 40 cm de largura.

Figura 4 - Bananeira (1994), de J. Inácio



Fonte: BRITTO (2013)

É inegável a percepção da influência da natureza sergipana em suas obras, tanto nos temas e objetos que representou na pintura quanto pela forma pela qual ele as recria na arte. Além disso, a própria fixação de J. Inácio pelas bananeiras, que está entre os 10 principais produtos em grau de importância para a economia do estado, sendo produzida principalmente nas regiões do Cotinguiba, Baixo Cotinguiba e Propriá, demonstra como a planta exerce uma forte influência em sua sensibilidade artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação com a natureza, além de algo profundo e enigmático, deixa nos seres humanos marcas que nem sempre são perceptíveis, mas que, no caso dos artistas supracitados, pessoas portadoras de uma sensibilidade bastante aguçada, percebe-se que essa ligação acaba por aparecer de diversas formas nas suas produções artísticas.

No caso do meio ambiente do estado de Sergipe, percebe-se, ainda, que serviu de inspiração aos pintores nativos, em diversos aspectos, mas, principalmente, na forma sobre qual a natureza é recriada, carregando sempre características locais vinculadas, diretamente, às experiências vividas por cada um deles.

Com relação às possibilidades de pesquisa sobre o assunto, considera-se ser essencial a expansão das análises voltadas ao campo da História da Arte ligadas às influências da natureza nas recriações dos artistas, tanto no âmbito local, quanto no nacional e mundial. Outra possibilidade relevante seria o estudo da percepção acerca da forma pela qual essas obras e suas relações podem promover nas pessoas o aguçamento da sensibilidade ambiental, algo primordial diante do cenário de descaso em relação os recursos naturais com o qual convivemos nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, Mário (org.). **Cacique Chá – Jenner Augusto: marcos do modernismo**. Aracaju: Sercore, 2015.

BRITTO, Mário. **Um sentir sobre as artes visuais em Sergipe**: coleção Mário Britto. Aracaju: Sociedade Semear, 2013.

CONCEIÇÃO, Sobral de Carvalho (coord.); ROCHA, Rosina Fonseca (coord.). **Álbum Horácio Hora**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2004.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Governo de SE implanta unidade de observação de variedades de banana. **Infonet**. Aracaju, 4 de outubro de 2021. Economia. Disponível em: <infonet.com.br/noticias> Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

GUALIS, Gonzalo M. Borrás, **Teorias del Arte I: Las obras de arte**. Madrid: Historia 16, 1996.

Jornal Dia de Campo. **Fortalecimento da bananicultura em Sergipe**. Disponível em: <diadecampo.com.br> Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

MELO, Ana Regina Alves de. **Jenner Augusto: Vida e Cores Modernistas**. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, UFS. São Cristóvão, 2009.

PLAZAOLA, Juan. *El universo estético*. In:_____. **Introducción a la Estética**. Bilbao: Universidad de Beusto, 2007. P. 313-342.

RIBEIRO, Marcelo da Silva. **Jordão de Oliveira**. Aracaju: Secretaria de Estado e Cultura, 2006.

SILVA, Thalita Rocha. **Aporte do material formador de serapilheira em reflorestamento misto no município de Laranjeiras, SE**. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de Ciências Florestais, UFS. São Cristóvão, 2017.

SUASSUNA, Ariano. A Arte e a Natureza. In:_____. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p.114-118.

SUASSUNA, Ariano. A Beleza Artística e a da Natureza. In:_____. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p.110-113.